

CRUZ, A; MAGALHÃES, M. M. S.; PRAÇA, W. N. A morfologia transcategorial e sua relação com o padrão omnicategorial em línguas da família Tupi-Guarani. *ReVEL*, vol. 17, n. 32, 2019. [www.revel.inf.br]

A MORFOLOGIA TRANSCATEGORIAL E SUA RELAÇÃO COM O PADRÃO OMNICATEGORIAL EM LÍNGUAS DA FAMÍLIA TUPI-GUARANI

*The transcategorial morphology and its relation to the omnicategorial pattern
in Tupi-Guarani languages*

Aline da Cruz¹

Marina Maria Silva Magalhães²

Walkiria Neiva Praça³

aline.da.cruz@live.com

marinamsmag@gmail.com

walkiria.praga@gmail.com

RESUMO: Ao comparar as características sintáticas de nomes e verbos em línguas da família Tupi-Guaraní, Queixalós (2001, 2006) defende a hipótese de que membros dessa família descendem de uma língua em que todas as entradas lexicais eram predicadas – um padrão chamado *omnicategorialidade*, conceito proposto por Launey (1994, 2004), para descrever um tipo de língua, representado prototipicamente pelo Nahuatl. Segundo este autor, uma das consequências do padrão omnicategorial é a existência de morfologia transcategorial, isto é, o compartilhamento de morfemas por diferentes classes de palavras. Nesse sentido, interpretamos que a degradação da omnicategorialidade de uma língua poderia ser atestada, entre outras evidências, pela restrição da morfologia transcategorial dos índices pessoais. Para mostrar essa correlação, este trabalho apresenta uma análise de quatro línguas da família Tupi-Guaraní, faladas na América do Sul – Tupinambá, Apyãwa (Tapirapé), Guajá e Nheengatú (*língua geral*) – que representam diferentes estágios de mudança linguística de um padrão mais para um menos prototipicamente omnicategorial (Praça, Magalhães & Cruz, (2017), Praça & Cruz (no prelo); Magalhães, Praça & Cruz (submetido)).

PALAVRAS-CHAVE: Línguas Tupi-Guaraní; Omnicategorialidade; Morfologia transcategorial.

ABSTRACT: Comparing the syntactic characteristics of names and verbs in Tupi-Guaraní languages, Queixalós (2001, 2006) defends the hypothesis that members of this family descend from a language in which all lexical entries were predicated – a pattern called omnicategoriality, a concept proposed by Launey (1994, 2004), to describe a type of language, prototypically represented by Nahuatl. According to this author, one of the consequences of the omnicategorial pattern is the existence of

¹ Doutora em linguística; Universidade Federal de Goiás – UFG.

² Doutora em linguística; Universidade de Brasília – UnB.

³ Doutora em linguística; Universidade de Brasília – UnB.

transcategorial morphology, that is, the sharing of morphemes by different classes of words. In this sense, we interpret that the degradation of the omnipredicativity of a language could be attested, among other evidences, by the restriction of the transcategorial morphology of the personal markers. In order to show this correlation, this work presents an analysis of four languages of the Tupí-Guaraní family, spoken in South America - Tupinambá, Apyãwa (Tapirapé), Guajá and Nheengatú (general language) - representing different stages of linguistic change from a pattern more to a less prototypically omnipredicative (Praça, Magalhães & Cruz, (2017), Praça & Cruz (in press), Magalhães, Praça & Cruz (submitted).

KEYWORDS: Tupi-Guarani languages; Omnipredicativity; Transcategorial morphology.

INTRODUÇÃO

Este artigo enfoca a correlação entre a perda gradual de morfologia transcategorial de pessoa e das propriedades omnipredicativas em línguas da família Tupí-Guaraní, pertencente ao tronco Tupí, falado na América do Sul. Para tanto, analisamos quatro línguas dessa família que representam diferentes estágios de degradação da omnipredicatividade: Tupinambá, Apyãwa (Tapirapé), Guajá e Nheengatú (*língua geral*).

Estudos anteriores sobre as línguas Tupí-Guaraní estabeleceram que essas línguas exibem um alinhamento ativo, caracterizado pela divisão entre duas classes de verbos intransitivos semanticamente correlacionadas com a agentividade do argumento único (Mithun (1991), Seki (2000), entre outros). Um exemplo de tal sistema pode ser encontrado em Tupinambá, em que o exemplo (1) mostra um verbo transitivo com dois argumentos, sendo o argumento com papel semântico de agente expresso pela série ativa de marcadores pessoais (A) e o argumento com papel semântico de paciente expresso pela série não ativa (NA) de marcadores pessoais. Os exemplos (2) e (3) mostram verbos intransitivos ativos e não ativos, respectivamente, cada um associado exclusivamente aos marcadores ativos e não-ativos para expressar seus argumentos únicos.

- (1) **a-i-xuu** (Tb)
 1SG.A-3NA-morder
 ‘eu o mordo’ (Rodrigues 1953, nossa análise)
- (2) **a-so** Pindobusu irũ-namo (Tb)
 1SG.A-ir Pindobusu companheiro-TRANS
 ‘eu vou com Pindobusu como meu companheiro’
 (Navarro 1998: 48, nossa análise)
- (3) **i-ma'enwar** (Tb)
 3.NA-lembrar-se

prototipicamente omnipredicativo, com uma tendência geral de degradação da omnipredicatividade evidenciada, entre outros aspectos, pela restrição dos usos dos marcadores pessoais não ativos, o que será explicado mais detalhadamente no decorrer deste artigo. Além disso, mostramos que, embora a tendência geral das línguas da família seja a degradação das propriedades omnipredicativas que estariam plenamente presentes na língua ancestral, o processo pode ser acelerado por contato.

Para isso é importante esclarecermos que o termo “omnipredicatividade” foi cunhado por Launey (1994; 2004) para descrever as línguas nas quais a maioria das entradas lexicais pode funcionar primariamente como predicados. O tipo de língua denominada de omnipredicativa também é conhecido na teoria gerativa sob o rótulo de “língua não configuracional”, cunhado por Hale (1983) para o descrever o Warlpiri e utilizado, entre outros autores, como Jelinek (1984), para as línguas Salish, enfocando a análise na constituência e a hierarquia das funções sintáticas, como, por exemplo, a característica essencial que essas línguas apresentam de ter seus argumentos expressos por meio de marcadores pessoais no núcleo dos predicados, sendo os Sintagmas Nominiais (SN) apenas adjuntos, o que justificaria a ordem mais livre entre os constituintes da sentença.

Este artigo está organizado da seguinte maneira. Na seção 1, apresentamos brevemente as informações sobre as quatro línguas analisadas neste estudo. Na seção 2, apresentamos as principais evidências que permitem interpretar que as línguas aqui abordadas mantêm características omnipredicativas. Na seção 3, traçamos uma correlação entre a perda de propriedades omnipredicativas em algumas das línguas e a restrição da transcategorialidade da série de marcadores pessoais não ativos. Na seção 4, esclarecemos a relação entre a perda dos marcadores pessoais e a necessidade de expressão dos argumentos por meio de Sintagmas Nominiais e, por fim, na seção 5, resumimos nossas descobertas e apresentamos algumas conclusões.

1. AS LÍNGUAS

Nesta seção, forneceremos informações breves sobre as quatro línguas analisadas neste trabalho: Tupinambá, e sua descendente Nheengatú, e outras duas línguas desta família: Apyãwa e Guajá. O Tupinambá foi a primeira língua com a qual os colonizadores portugueses tiveram contato. Muitos registros dessa língua foram feitos entre os séculos XVI e XVII. Exemplos de documentação conhecida incluem

poemas e peças escritos por Anchieta (1977, 2000, 2004), uma gramática desenvolvida por Anchieta (1990 [1595]) e outra por Figueira (1880 [1621]), catecismos escritos por Araújo (Araújo 1618), e vocabulários (Anônimo 1938 [1621]). Com esses documentos, é possível ter acesso aos dados da extinta língua Tupinambá, assim como é possível analisá-la descrevendo e explicando sua estrutura (cf., por exemplo, Rodrigues (2010), Lemos Barbosa (1956), Navarro (1998), Praça e Cruz (no prelo), Praça, Magalhães e Cruz (2017)).

Segundo antigos documentos históricos brasileiros, o Tupinambá era uma língua amplamente difundida na costa do país (cf. Bessa-Freire (2004), Rodrigues (1996)). Por essa razão, foi usada como língua de comunicação interétnica. A partir do século XVII, o Tupinambá começou a ser disseminado na região amazônica, sofrendo profundas mudanças gramaticais, tornando-se uma língua franca que, a partir do século XIX, passou a ser conhecida como Nheengatú, que etimologicamente significa *nheen* 'língua', *katu* 'bom', a boa língua. Atualmente, o Nheengatú é falado por aproximadamente 8.000 pessoas no Alto Rio Negro (Moseley 2010), particularmente por descendentes do povo Arawak; mais especificamente, o Baré do Alto Rio Negro, o Baniwa do Baixo Rio Içana e o Warekena do Rio Xié. Ao longo do século XX, esses grupos mudaram suas línguas Arawak tradicionais para o Nheengatú, adotado por eles como sua língua materna. Aspectos morfossintáticos do Nheengatú foram estudados por Moore, Facundes e Pires (1993) e, mais recentemente, por Cruz (2011, 2014, 2015, 2016). Os dados apresentados nesta pesquisa provêm de pesquisas de campo realizada por Cruz desde 2006, particularmente nas comunidades de Assunção do Içana, onde habitam os Baniwa; Anamoim e Tunum, território dos Werekena; Juruti, Nova Vida e na área urbana de São Gabriel da Cachoeira, onde predominam os Baré.

Enquanto os falantes de Tupinambá tiveram contato com os colonizadores portugueses desde o século XVI, os falantes de Apyãwa e Guajá só estabeleceram contato, ou melhor, foram contatados por não-indígenas, no século XX. Essa situação pode ter permitido que essas línguas mantivessem características morfossintáticas mais conservadoras.

O Apyãwa, tradicionalmente conhecido como Tapirapé, é falado por aproximadamente 1.000 indivíduos que vivem em dois Territórios Indígenas - Tapirapé / Karajá e Urubu Branco (Tãpi'itãwa), no Nordeste do Estado de Mato Grosso, Brasil. Estudos sobre essa língua incluem descrições morfossintáticas que

aqui analisamos (cf., por exemplo, Almeida et al. (1983), Leite (1990) e Praça (2001, 2007, 2008, 2012, 2013, 2014)). Os dados do Apyãwa são oriundos de trabalhos de campo realizados por Praça entre os anos de 1997 a 2018, principalmente na área indígena Urubu Branco.

O Guajá é falado por cerca de 450 pessoas, que vivem em quatro Terras Indígenas localizadas no Noroeste do Estado do Maranhão, no Brasil: Caru, Awá, Alto Turiaçu e Araribóia. Essa língua ainda não foi muito estudada, já que o contato com seus falantes, em sua maioria monolíngues, só aconteceu nos anos 1980. Ainda há poucos estudos sobre aspectos fonológicos e morfossintáticos do Guajá (cf. Cunha (1987), Magalhães (2007, 2012, 2014, 2016), Magalhães & Mattos (2014) e Nascimento (2008).). Os dados do Guajá apresentados nesta pesquisa foram coletados em pesquisas de campo realizada por Magalhães desde 2001, particularmente nas comunidades Tiracambu e Awá.

2. OMNIPREDICATIVIDADE ENTRE AS LÍNGUAS TUPÍ-GUARANÍ

Costumamos associar as categorias lexicais de uma língua à sua maior probabilidade de ocorrer em certas funções sintáticas. Assim, os nomes são comumente associados à função de argumento e os verbos à função predicativa. No entanto, em um número significativo de línguas em todo o mundo, as categorias lexicais nome e verbo não correspondem necessariamente às funções gramaticais de argumento e predicado, respectivamente (cf., por exemplo, Nahuatl (Launey 1994), línguas da família Salish (Kinkade 1983), Nootka (Swadesh 1939)). Essa característica sintática também é encontrada nas línguas Tupí-Guaraní e tem sido discutida na literatura sobre essas línguas (cf. Lemos Barbosa (1956), Dietrich (2001)). Com base na comparação das características sintáticas de nomes e verbos em línguas da família Tupí-Guaraní, Couchili, Maurel & Queixalós (2002) e Queixalós (2006) defendem a hipótese de que membros dessa família descendem de uma protolíngua em que todas as entradas lexicais funcionavam indistintamente como predicados - um padrão chamado *omnipredicatividade*, conceito cunhado por Launey (1994, 2004) para descrever línguas como o Nahuatl⁴. Adotando a hipótese de Queixalós (2006),

⁴ É importante ressaltar que a classificação de uma língua como omnipredicativa não está limitada a essa característica. Entretanto, para a compreensão do fenômeno enfocado neste artigo, focaremos apenas a capacidade predicativa das classes dos nomes, verbos e posposições das línguas Tupí-Guaraní e a consequente marcação transcategorial dos argumentos internos.

consideramos que, apesar de uma tendência geral de degradação da omni-predicatividade entre as línguas da família, a maioria das características omni-predicativas foram mantidas em Tupinambá e Apyãwa, mas parte delas está desaparecendo no Guajá. No final desta escala, o Nheengatú é melhor classificado como uma língua não omni-predicativa (Praça, Magalhães e Cruz 2017).

Mesmo com essa perda gradual da omni-predicatividade entre as línguas da família, em todas as línguas aqui estudadas encontramos uma propriedade essencial das línguas omni-predicativas: tanto os nomes quanto os verbos funcionam intrinsecamente como predicados. Nos exemplos de (7) a (10) pode-se observar (a) verbos e (b) nomes funcionando como predicados em cada uma das quatro línguas analisadas.

- (7a) **a-iur** (Tb)
1SG.A-*vir*
'eu vim' (Gregório 1980 *apud* Navarro (1998))
- (7b) *paje-o* **i-posañ** (Tb)
pajé-RFR 3.NA-remédio
'o pajé tem remédio' (lit. : (há) remédio de pajé)
(Rodrigues 2010: 40, nossa tradução)
- (8a) *tokyn-a* **a-xe'eg** *pãxe-ø* *r-aryw-a* *re* (Ap)
Tokyna-RFR 3.A-falar *pajé-RFR* LK-festa-RFR LK-sobre
'Tokyna falou sobre a festa do pajé'
- (8b) **xe=ø-kypy'yr** *h-er-a* *iona'i-ø* (Ap)
1SG.NA=LK-irmã 3.NA-nome-RFR Iona'i-RFR
'eu tenho uma irmã, o nome dela é Iona'i '
(Lit: (há) minha irmã, o nome dela é Iona'i)
- (9a) *jawaruhu-a* **o-ho** *aha* (Gj)
onça-RFR 3.A-ir CTF
'a onça foi indo embora'
- (9b) **ha = r-a'y** *jaha* (Gj)
1SG.NA=LK-filho eu
'tenho um filho' (Lit. : '(existe) meu filho')
- (10a) *jawarete* **u-su=wã** (Nh)
onça 3.SG.A-ir=PFV
'a onça já foi embora'
- (10b) *ixe* **baniwa** (Nh)

eu Baniwa
'eu sou Baniwa' (Cruz 2011: 127)

Vale ressaltar que, em geral, as línguas da família podem ter raízes nominais funcionando como dois tipos de predicados: i) predicados equativos/inclusivos (aqueles que expressam ora uma equação, ora uma inclusão entre dois SNs, com um deles exercendo a função de argumento e o outro a de núcleo do predicado, e ii) predicados existenciais (aqueles que têm a função de predicar a existência de uma entidade - e não a de relacionar um predicado a um argumento). No caso das línguas Tupinambá, Apyãwa e Guajá, os dois tipos de predicados nominais são encontrados. Os exemplos (7b), (8b) e (9b) ilustram raízes nominais funcionando como predicado existencial nas respectivas línguas. O Nheengatú, por sua vez, restringiu a capacidade de ter nomes como núcleo de predicados existenciais e, atualmente, os nomes só podem funcionar como núcleo de predicado equativo/inclusivo, conforme ocorre no exemplo (10b).

Embora, nessas línguas, nomes e verbos compartilhem a função predicativa primária, a função argumentativa difere de língua para língua. Em Tupinambá e Apyãwa, ambos nomes e verbos recebem morfologia adicional (o sufixo *-a*) para poder ter a capacidade de referir.

Segundo Queixalós (2006), o sufixo *-a* estabelece uma expressão que pode constituir referência em raízes que não podem referir por si mesmas, uma vez que são primariamente predicados. Assim, o sufixo *-a*, chamado de "referenciante" pelo autor, constrói designações a partir de raízes lexicais predicativas, já que elas não se referem a nenhuma entidade por si mesmas. A existência desse sufixo nas línguas Tupí-Guaraní é, a nosso ver, evidência diacrônica importante de uma fase omnipredicativa dessas línguas.

Note que as raízes nominais *paje* 'pajé' e *osang* 'remédio' em (11a) do Tupinambá e *kypy'yr* 'irmã' em (12a) do Apyãwa recebem o sufixo referenciante (expresso pelo morfema *-a*, cujo alomorfe em palavras terminadas com vogal é *-ø*) e, assim, podem ocorrer como núcleo de um SN que funciona como adjunto correferencial⁵ do verdadeiro argumento da oração, expresso pelo marcador pessoal

⁵ O termo "adjunto correferencial" foi sugerido por Francisco Queixalós (em comunicação pessoal) e refere-se aos adjuntos pronominais ou nominais que ocorrem, opcionalmente, com a função de: i) reforçar a expressão do argumento expresso por uma marca de 1ª ou 2ª pessoa, e ii) especificar a identidade do argumento expresso por uma marca de 3ª pessoa.

no núcleo do predicado verbal. Da mesma forma, os verbos recebem o mesmo sufixo para ocorrer na mesma função que os nomes, conforme ilustrado em (11b) e (12b).

- (11a) [paje-**ø**]_i [m-osang-**a**]_{ii} o_i-j_{ii}-kuáβ (Tb)
 pajé-RFR INDF-remédio-RFR 3.A-3.NA-saber
 ‘O pajé conhece o remédio’ (Rodrigues 2010: 110; nossa análise)
- (11b) ere-**i**-potar [xe=r-ur-**a**]_i (Tb)
 2SG.A-3.A-querer 2SG.NA-LK-vir-RFR
 ‘você quer a minha vinda’ (Navarro 1998: 243; nossa análise)
- (12a) [xe = ø-kypy'yr-**a**]_i a_i-xaj'a h-a-re (Ap)
 1SG.NA=LK-irmã-RFR 3.A-chorar 3.NA-ir-depois
 ‘minha irmã chorou depois de ir’
- (12b) [xe = ø-xe'eg-**a**]_i mĩ i_i-ãrõãrõ (Ap)
 1SG.NA=LK-falar-RFR HAB 3.NA-ser.bonito
 ‘minha fala é sempre bonita’

Pode-se notar que o sufixo referenciante não implica mudança na classe lexical, isto é, não é um nominalizador, uma vez que é combinado com nomes e verbos. No entanto, mesmo nas línguas mais conservadoras em termos de traços omnipredicativos, o Tupinambá e o Apyãwa, a combinação desse sufixo com verbos é bastante limitada, ocorrendo apenas com algumas raízes, como as dos verbos ‘vir’, ‘entrar’, ‘morrer’, ‘lançar’, ‘falar’, ‘estar em pé’, ‘estar deitado’ e ‘estar sentado’. Interpretamos essa restrição de ocorrência com o sufixo referenciante como uma evidência de que mesmo as línguas mais conservadoras da família já não são prototipicamente omnipredicativas, como teria sido sua ancestral.

Já no Guajá, língua que apresenta menos características omnipredicativas que as parentes mais conservadoras, os nomes também passam a ser capazes de referir bastando apenas que se combinem com o morfema referenciante, como mostrado em (13a). Porém, nessa língua, os verbos não podem exercer essa função sem que sejam previamente nominalizados, como ilustrado em (13b). Uma vez nominalizados, os verbos passam a poder receber o morfema referenciante:

- (13a) ha=r-a'yr-**a** ø-kere (Gj)
 1SG.NA=LK-filho-RFR 3.A-dormir
 ‘meu filho dormiu’
- (13b) ha=ø-kere-**ha**-ø i-muku (Gj)
 1SG.NA=LK-dormir-NMLZ-RFR 3.NA-ser.longo

‘minha dormida foi longa’ (Magalhães 2007:19)

O Nheengatú, por sua vez, assim como o Guajá, apresenta a possibilidade de raízes nominais acessarem primariamente a função de argumento, com a diferença de que o morfema referenciante já não pode ser mais analisado como um sufixo produtivo, tendo se lexicalizado como parte das raízes, conforme ilustra (14a). Com relação às raízes verbais, estas somente podem ocorrer na função de argumento quando nominalizadas (14b), tendo o morfema referenciante desaparecido da língua sem sequer deixar rastros nas formas verbais.

(14a) amu ita tu-rasu te ta-raira
(Nh)
outro PL 3.PL.A-levar FOC 3PL.NA-filho
‘os outros levavam seus filhos’ (Cruz 2011: 144)

(14b) u-mu-aiwa ya-manduai-sa
(Nh)
3.NA-CAUS-estragar 1PL.A-pensar-NMLZ
‘(isso) estraga nossos pensamentos’ (Cruz 2011: 248)

Tomando em conta que os nomes e os verbos, nas quatro línguas aqui analisadas, podem ocorrer primariamente como predicados, é importante dizer que em todas essas línguas as expressões adverbiais, que são formadas por: i) um único advérbio, ii) uma raiz nominal associada a um sufixo locativo ou iii) um sintagma posposicional, também podem funcionar como predicados, o que reforça o caráter omnipredicativo das línguas aqui estudadas. Nos concentramos agora nas propriedades das expressões adverbiais quando usadas como predicados, e as contrastamos com seu uso como adjuntos.

Como predicados, as expressões adverbiais requerem um SN que funcione como seu argumento externo, como em (15a), (16a), (17) e (18) abaixo. Observe que em (15a), do Guajá, a raiz nominal *iky* ‘piolho’, flexionada com o morfema referenciante *-a*, funciona como o argumento externo do predicado adverbial *i-jakara’a ø-nehe* ‘(está) no cabelo dele’, isto é, a expressão adverbial formada por um Sintagma Posposicional é o núcleo de um predicado adverbial divalente que ocorre com seu argumento interno expresso pelo SN *i-jakara’a* ‘cabelo dele’ e com seu argumento externo expresso pelo SN *iky-a* ‘o piolho’, resultante da associação da raiz nominal *iky* ‘piolho’ com o morfema referenciante *-a*. O exemplo (15a) contrasta com (15b), no qual a mesma raiz nominal, sem o sufixo *-a*, ocorre na função de predicado

existencial (*iky* ‘há piolho’), ao passo que a expressão adverbial ocorre como um adjunto: *i-jakara’a ø-nehe* ‘no cabelo dele’ (e como qualquer adjunto, é opcional). Similarmente, em (16a), a partir dos dados do Apyãwa, a expressão adverbial *ka’a-pe* ‘na floresta’, formada pela associação do nome *ka’a* ‘floresta’ com um sufixo locativo *-pe*, ocorre como um predicado, exigindo o argumento *tãpi’ir-a* ‘a anta’, flexionado com o sufixo referente *-a*. Em (15b), também do Apyãwa, o nome funciona como um predicado existencial na ausência desse sufixo: *tãpi’ir* ‘há anta’. O Tupinambá também permite que expressões adverbiais, como a formada pela raiz nominal *garapari* ‘Guarapari’ associada à posposição ablativa *sui*, ocorram como núcleo de predicados, conforme ilustra exemplo (17). Neste exemplo, o argumento do predicado adverbial é o pronome *je* ‘eu’, flexionado pelo morfema referenciante. Essa capacidade de expressões adverbiais ocorrerem como predicado manteve-se em Nheengatú, como ilustrado em (18).

- (15a) [*iky*]_{SNarg-a} < *i-jakara’a* *ø-nehe* >_{SPospPred} (Gj)
 piolho-RFR 3.NA-cabelo LK-sobre
 ‘o piolho está no cabelo dele’
- (14b) <*iky*>_{SNpred} (*i-jakỹ* *ø-nehe*) (Gj)
 piolho 3.NA-cabeça LK-sobre
 ‘há piolho na cabeça dele’
- (16a) [*tãpi’ir*]_{SNarg-a} <*ka’a-pe*> _{SAdvPred} (Ap)
 anta-RFR floresta-LOC
 ‘a anta está na floresta’
- (15b) <*tãpi’ir*>_{SNpred} (Ap)
 anta
 ‘há anta’
- (17) [*je*]_{SNarg-ø} <*guarapari ø-sui*> _{SPospPred} (Tp)
 eu-RFR guarapari LK-ABL
 ‘eu sou de Guarapari (Anchieta 2004: 154)
- (18) [*nhaã sukuri*]_{SNarg} *paa* <*i-buxu upe*>_{SPospPred} (Nh)
 DEM sucuri REP 3SG.NA-bucho LOC
 ‘diz que aquela cobra estava no bucho dele’. (Cruz 2011: 472)

Nas quatro línguas aqui analisadas, as expressões adverbiais não acessam primariamente a função de argumentos e, para desempenhar tais funções, devem ser nominalizadas. Nessas línguas, o nominalizador *-swar* do Tupinambá e seus cognatos nas outras línguas, pode combinar tanto com raízes adverbiais, como

ilustrado em (19), (20) e (21), como com sintagmas posposicionais, como em (22) e (23). Somente depois de nominalizadas, as expressões adverbiais podem ocorrer como argumentos. Note que em Tupinambá, Apyãwa e Guajá, mesmo as formas nominalizadas precisam ocorrer com o sufixo referenciante *-a* para poder referir, e assim, ocorrer como argumentos, como em (19), (21), (22) e (23), ao passo que em Nheengatú a forma nominalizada pode ser usada como argumento sem qualquer morfologia adicional, como em (20), tendo sido o morfema referenciante lexicalizado como parte do sufixo nominalizador.

- (19) ãxe'i-**wãr**-a a-pãw
 (Ap)
 ontem-NMLZ-RFR 3.A-terminar
 'o que é de ontem terminou'.
- (20) ti= ta-putai kuxima-**wara**
 (Nh)
 NEG = 3PL.A-querer antigamente-NMLZ
 'eles não querem o que é de antes'
- (21) ko'yr-**ixuár**-a kó t-embí-'u
 (Tb)
 agora-NMLZ-RFR DEM INDF-NMLZ-comer
 'o que é de agora é esta comida' (Navarro 1998: 425, tradução nossa)
- (22) xawaxi-∅ kã'ã-∅ r-opi-**wãr**-a
 (Ap)
 tartaruga-RFR mata-RFR LK-por-NMLZ-RFR
 'a tartaruga é da mata'
- (23) ikwamehẽ awa xirakapu-p-**ahar**-a o-ho ta ha-ipa-pe (Gj)
 amanhã Guajá Tíracambu-LOC-NMLZ-RFR 3.A-ir FUT 3.NA-casa-LOC
 'amanhã o Guajá da (aldeia) Tíracambu vai para a sua casa'

3. A TRANSCATEGORIALIDADE DA MARCAÇÃO DE ARGUMENTO INTERNO E SUA PERDA NAS LÍNGUAS TUPÍ-GUARANÍ

Uma outra propriedade importante apontada por Launey (2004) para a caracterização das línguas como omnipredicativas é a de que a marcação do genitivo deve ser idêntica à do objeto de verbos transitivos⁶. Em nossa análise, interpretamos, como explicado na seção anterior, a série não ativa transcategorial de marcadores

⁶ Nas palavras do autor (Launey, 2004): "the way of marking the genitive must be the same as the object, i.e. preferentially head-marking".

(33), (36) e (39); como argumento interno de nomes divalentes, como em (34), (37) e (40); e como argumento interno de posições em (35), (38) e (41).

- (33) **i**-katu
(Tb)
3.NA-ser.bom
'ele é bom' (Anchieta (1990) [1595])
- (34) **i**-membyr-ete-ø Îesu
(Tb)
3.NA-filho-LEG-RFR Jesus
'o verdadeiro filho dele, Jesus' (Anchieta 1999: 174)
- (35) **i**-pupe t-ere-iesy
(Tb)
3.NA-dentro EXOR-2SG.A-assar
'que você seja assado dentro dele [no inferno]' (Anchieta 1999: 170)
- (36) wari-a **i**-kira ajpo ka'a-pe (Gj)
guariba-RFR 3.NA-ser.gordo POSS mata-LOC
'o guariba deve ser gordo na floresta'
- (37) a-pyhy rawa **i**-xiru-a (Gj)
IMP.SG-pegar CPT 3.NA-roupa-RFR
'pegue suas roupas e traga-as'
- (38) tyrymỹ a-mapy **i**-pepe (Gj)
farinha IMP.SG-colocar 3.NA-dentro
'coloque a farinha dentro dela'
- (39) me'i-ø **i**-kywer
(Ap)
me'i-RFR 3.NA-ser.magro
'Me'i é magra'
- (40) **i**-men-a kã'ã-ø r-opi aa
(Ap)
3.NA-marido-RFR mata-RFR LK-por 3.A-ir
'o marido dela foi para a floresta'
- (41) ã-a **i**-katy
(Ap)
1SG.A-ir 3.NA-em.direção.a
'eu fui na sua direção'

O Guajá, no entanto, diferentemente do Tupinambá e do Apyãwa, apresenta um pequeno subgrupo de verbos estativos que deixaram de ocorrer com os

marcadores da série não ativa, como ilustra o exemplo (42) a seguir. Em termos semânticos, essa pequena subclasse é formada por verbos estativos que expressam cor.

- (42) ni = ø-xiru-a pirỹ (Gj)
 2SG.NA=LK-roupa-RFR ser.vermelho
 ‘a sua roupa é vermelha’

Na língua menos conservadora, o Nheengatú, os usos dos marcadores pessoais não ativos foram gradualmente restringidos para indicar apenas o complemento de nomes e posições, como em (43) e (44), respectivamente. Os verbos transitivos não aceitam mais a combinação de marcadores pessoais da série não ativa, uma vez que a língua não exhibe hierarquia referencial, de modo que apenas os argumentos externos, expressos por meio dos marcadores da série ativa, são expressos morfologicamente no núcleo verbal. Em relação aos verbos intransitivos estativos, há entre eles uma subdivisão no Nheengatú: a maioria dos verbos intransitivos estativos não pode mais ser combinada com qualquer prefixo pessoal, como o verbo *puranga* ‘ser bonito’ em (43). No entanto, há uma pequena subclasse de verbos intransitivos estativos que ainda pode ser combinada com prefixos da série não ativa, como exemplificado pelo verbo *kuere* ‘estar cansado’ em (45). Cruz (2011) apresenta uma tentativa de análise semântica da divisão entre as duas pequenas classes de verbos intransitivos estativos. Segundo a autora, verbos que expressam propriedades físicas inerentes (como ‘ser amargo’, ‘ser alto’, ‘ser colorido’, ‘ser bonito’) não se combinam com o conjunto NA de marcadores pessoais, como ilustrado em (43); ao passo que verbos que expressam propensões humanas (como ‘ser feliz’, ‘estar cansado’, ‘ser assim’, ‘esquecer’), como ilustrado em (45), combinam com o conjunto NA de marcadores pessoais.

- (43) i-membira-miri puranga
 (Nh)
 3.NA-filho-DIM ser.bonito
 ‘o filho dele é bonito’
- (44) u-pui i-araupi
 (Nh)
 3SG.A-pular 3.NA-sobre
 ‘ele pulou sobre ele’ (Cruz 2011: 211)

- (45) kurumĩ i-kuere=wã
 (Nh)
 menino 3.NA-estar.cansado = PFV
 ‘o menino já estava cansado’. (Cruz 2011: 190)

Dessa forma, conforme observado até aqui, a transcategorialidade da série não ativa de marcadores pessoais, cuja função é a de marcar os argumentos internos de qualquer tipo de sintagma, é uma característica importante para interpretarmos uma língua como mais conservadora ou menos conservadora em relação à tipologia omniargumentativa. No que concerne a essa propriedade, o Tupinambá é a língua mais conservadora por apresentar uso da série não ativa para expressar o argumento interno dos verbos transitivos, intransitivos estativos, nomes e posições. Já o Guajá e o Apyãwa são línguas que demonstram ter perdido características omniargumentativas por deixarem de expressar ambos os argumentos nos verbos transitivos, sendo que o Guajá avançou ainda mais na perda dessa propriedade por ter atualmente uma subclasse de verbos intransitivos estativos que já não expressa seu argumento único por meio dos marcadores da série não ativa. O Nheengatú, por sua vez, é a língua que mais avançou com relação à perda dessa propriedade restringindo os marcadores de pessoa da série não ativa apenas aos nomes e posições, restando apenas uma pequena subclasse de verbos intransitivos estativos que ainda aceita essa marcação.

5. A SURGIMENTO DA NECESSIDADE DE OS ARGUMENTOS SEREM EXPRESSOS POR SNs

Como características definidoras das línguas denominadas de não configuracionais (que, como já explicado, refere-se ao mesmo tipo de língua que aqui temos tratado como omniargumentativa), Hale (1983), ao analisar a língua Warlpiri, apresenta as seguintes propriedades: i) apresentam ordem livre de palavras, ii) as expressões são sintaticamente descontínuas e iii) o argumento (ex.: sujeito, objeto) não é representado pela expressão nominal na estrutura oracional (isto é, os SNs são opcionais). Com base na reanálise dos dados Warlpiri e na observação de outras línguas não configuracionais, Jelinek (1984), reinterpretando as características identificadas por Hale (1983) propõe que uma das propriedades essenciais dessas línguas é a de que os SNs nunca ocupariam a posição de argumento e funcionariam como simples adjuntos opcionais que estão fora da estrutura argumental da sentença,

o que explicaria a tendência à ordem livre de palavras e à ocorrência de expressões sintaticamente descontínuas. Launey (1994), usando outras palavras, também salienta que nas línguas omni-predicativas os SNs funcionam como predicados subordinados ao predicado principal, designando uma entidade, ao passo que os índices de pessoa são a expressão dos argumentos.

No que se refere a essa propriedade, conforme visto na seção anterior, nas quatro línguas aqui analisadas, somente o Tupinambá, expressa ambos os argumentos interno e externo no núcleo do predicado verbal via índices pessoais. Os SNs que se referem a esses marcadores funcionam como adjuntos correferenciais, sejam eles pronominais ou nominais e ocorrem, opcionalmente, com a função de: i) reforçar a expressão do argumento expresso por uma marca de 1ª ou 2ª pessoa, e ii) especificar a identidade do argumento expresso por uma marca de 3ª pessoa, como ilustrado em (46) e (47). O que nos permite interpretar tais SNs como adjuntos e não como argumentos é sua ordem livre na sentença e o fato de não estarem associados a marcas de caso. Esses SNs, sempre opcionais – uma vez que a sentença é sintaticamente completa sem sua presença –, estabelecem correferência com os índices de pessoas, estes sim, expressando os argumentos do predicado.

(46) **a-i-kuab** (kunumi- \emptyset) (Tb)
 1.SG.A-3.NA-conhecer menino-RFR
 ‘conheço o menino’ (Navarro 1998: 71)

(47) (Pedro- \emptyset) **o-i-kuab** (kunumi- \emptyset) (Tb)
 Pedro-RFR 3.A-3.NA-conhecer menino-RFR
 ‘Pedro conhece o menino’ (Navarro 1998: 71)

O Tupinambá seria, assim, entre as quatro línguas, a que mais claramente reforça a hipótese de que as línguas dessa família descendem de uma ancestral prototipicamente omni-predicativa.

Nossa análise vai na mesma direção da análise do Tupinambá, elaborada por Leite (2003). Utilizando os pressupostos da Teoria Gerativa, a autora afirma que há a possibilidade de se analisar essa língua como não configuracional, justamente pela possibilidade de se interpretar os índices pessoais como argumentos do verbo:

Voltemos à possibilidade de apagamento dos sintagmas nominais, aliada à ordem livre sintagmática que se verifica em tupinambá e em várias línguas da família tupi-guarani. Esse tipo de constatação é importantíssima nos dias atuais e muita atenção tem sido dada à análise dessas línguas, denominadas não-configuracionais, uma vez que se trata de determinar a natureza

sintática desses elementos. Há uma possibilidade de análise: considerar os sintagmas nominais de sujeito e objeto um adjunto, as marcas pessoais passando a ser os verdadeiros argumentos do verbo. (Leite 2003: 20)

Por sua vez, o Apyãwa e o Guajá, apesar de terem dois paradigmas de índices pessoais, o ativo e o não ativo, não permitem que eles ocorram simultaneamente. No entanto, isso não impede que os índices pessoais sejam considerados expressão dos argumentos pois, cada um dos prefixos, quando ocorre, exerce a função de argumento externo ou interno. O outro argumento não é realizado fonologicamente no núcleo do predicado, porém, o paradigma realizado supre a informação de pessoa e caso do argumento que expressa, e a regra de hierarquia supre a informação sobre pessoa e caso do outro argumento. Quanto aos SNs, eles, assim como no Tupinambá, podem ser vistos como adjuntos correferenciais uma vez que: i) são frequentemente ausentes, ii) são externos ao sintagma verbal, iii) apresentam ordem relativamente livre (mais livre no Apyãwa do que no Guajá), e iv) não apresentam marca de caso. Se necessário especificar seu referente, o participante não expresso fonologicamente no núcleo do predicado pela marca de pessoa pode ser expresso por um SN, pronominal ou não, como ilustrado em (48) e (49) do Guajá e (50) e (51) do Apyãwa.

- (48) **ha**= \emptyset -pyhy (nijã) (Gj)
 1.NA=LK-pegar você
 ‘você me pegou’
- (49) **ha**= \emptyset -pyhy (Manã- \emptyset) (Gj)
 1.NA=LK-pegar Manã-RFR
 ‘Manã me pegou’
- (50) (ane- \emptyset) **xe**=r-exãk
 (Ap)
 você-RFR 1SG.NA=LK-ver
 ‘você me viu’
- (51) ka’ã-pe **xe**= \emptyset -nopỹ
 (Ap)
 floresta-LOC 1SG.NA=LK-bater
 ‘na floresta ele me bateu’

Tanto no Apyãwa quanto no Guajá, assim como em Tupinambá, uma oração é considerada completa sem a presença de qualquer SN, conforme ilustram exemplos (52) e (53).

(52) ã'ě ekwe a-xokã
 (Ap)
 CONJ FUT 3SG.A-matar
 'então (meu avô) vai mata(-lá)'

(53) a-ru ha=r-ipa-pe (Gj)
 1.A-trazer 1SG.NA=LK-casa-LOC
 '(eu) (o) trouxe para a minha casa'

No entanto, no Guajá, o pequeno conjunto de verbos intransitivos estativos que não ocorre mais com a série não ativa somente pode expressar seu argumento único por meio de SN, como em (42), repetido abaixo como (54):

(54) ni = ø-xiru-a pirỹ (Gj)
 2SG.NA = LK-roupa-RFR ser.vermelho
 'a sua roupa é vermelha'

Assim, o Guajá, como consequência da perda da morfologia não ativa nesse grupo de verbos, começa a apresentar a necessidade de ter argumentos expressos por meio de SNs, tendo atingido um grau a mais na perda de traços omnipredicativos quando comparado com o Tupinambá e o Apyãwa.

Por sua vez, o Nheengatú, por ter perdido completamente a possibilidade de expressar seus argumentos internos nos verbos transitivos e na maioria dos verbos estativos, precisa que eles sejam expressos sempre pelos SNs, como ilustrado em (55) por um verbo transitivo, (56) e (57) por verbos estativos. No verbo transitivo, há apenas uma vaga morfológica, ocupada por índices de pessoa da série A, para indicar concordância com o argumento externo (sujeito). Já o argumento interno é indicado pelo SN posposto ao verbo, uma vez que, nessa língua, a ordem dos constituintes nas orações transitivas, fixou-se no padrão SVO. Trata-se de uma língua *pro-drop*, o que significa que o SN em função de argumento externo pode ser omitido, desde que seja possível estabelecer sua referência pelo contexto⁷. No que concerne às orações intransitivas, a ordem dos constituintes mantém-se livre tanto nas orações com verbos intransitivos estativos, como (56) e (57), quanto nas com verbos intransitivos ativos, como em (58) e (59)⁸.

(55) Asui (yande) ya-maã ike kua lakri (Nh)
 CONJ nós 1PL.A-ver aqui DEM lacre

⁷ Para um estudo acerca da emergência da concordância em Nheengatu, cf. Cruz (2015.)

⁸ Para um estudo acerca dos fatores pragmáticos correlacionados à ordem dos constituintes em orações intransitivas em Nheengatu, cf. Cruz (2011, cap. 11).

- ‘então, vemos aqui este lacre (planta)’
- (56) Asui finu i-sawa (Nh)
 CONJ fino 3SG.NA-folha
 ‘então, a folha dela [da planta] é fina’
- (57) i-sawa puasuntu
 (Nh)
 3SG.NA-folha graúda
 ‘a folha dela [da planta] é graúda’
- (58) ai u-sika=wã
 (Nh)
 preguiça 3SG.A-chegar-PFV
 ‘a preguiça já chegou’ (Cruz 2011: 416)
- (59) u-sika primeiro pai
 (Nh)
 3SG.A-chegar primeiro padre
 ‘chegou o primeiro padre’. (Cruz 2011: 527)

Pode-se dizer que o Nheengatú é a língua que mais avançou em relação à perda das propriedades omnipredicativas, o que se observa tanto pela fixação da ordem nas orações transitivas, quanto pelo fato de os índices de pessoas nos verbos perderem a função argumental e se transformarem em indicadores de concordância. Essas mudanças levam a um distanciamento tipológico do Nheengatú em relação à sua ancestral, Tupinambá, e o aproxima do Português, língua com a qual mantém contato desde o século XVI.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Argumentamos que não apenas a transcategorialidade da série NA de marcadores pessoais, mas também a necessidade de que os SNs ocorram nas línguas aqui analisadas para expressar os argumentos das orações, são evidências em favor da hipótese de Queixalòs (2006) de que as línguas TG representam de forma sincrônica diferentes estágios de mudança, de um padrão mais prototipicamente omnipredicativo para um padrão menos prototipicamente omnipredicativo. Se, por um lado, Tupinambá, Apyãwa mostram um lento progresso na restrição dos usos de séries não ativas, o Guajá, além disso, começa a exigir, em alguns contextos, que a expressão dos argumentos ocorra por meio de um SN obrigatório, o Nheengatú, por outro, tem uma tendência mais rápida à inovação, tendo perdido a capacidade de

utilizar a série não ativa como expressão dos argumento interno de verbos transitivos e da maioria dos verbos intransitivos estativos, como mostra o resumo apresentado no quadro abaixo. A perda dos marcadores como expressão de argumento contribui para a necessidade que o Nheengatú apresenta de expressar seus argumentos por meio de SNs.

Línguas	Verbo transitivo	Verbo intransitivo estativo	Nomes	Posposições
Tb	Ok	Ok	Ok	Ok
Ap	Restrito a casos exigidos pela Hierarquia de Pessoa	Ok	Ok	Ok
Gj	Restrito a casos exigidos pela Hierarquia de Pessoa	Ok	Ok	Ok
Nh	--	alguns casos	Ok	Ok

Quadro 1: Sumário dos usos da série não ativa entre as quatro línguas

A degradação da omnipredicatividade em diferentes graus entres as línguas aqui analisadas é evidenciada por meio da perda da transcategorialidade da marca da série não ativa, que expressa o argumento interno dos diversos tipos de predicados, o que resulta na necessidade cada vez maior de os argumentos, à medida em que não podem mais ser expressos no núcleo dos predicados, passarem a ser expressos por SNs, como mostram as línguas menos conservadoras.

Abreviaturas

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
A	série ativa (argumento 'agente')
CAUS	Causativo
CONJ	Conjunção
CTF	Partícula direcional centrífuga
CTP	Partícula direcional centrípeta
DEM	Demonstrativo
DIM	Diminutivo

EXOR	Exortativo
FOC	Foco
FUT	Futuro
HAB	Habitual
IMP	Imperativo
INDF	Indefinido
LEG	Legitimidade
LK	<i>Linker</i> (marca de adjacência)
LOC	Locativo
NA	Série não ativa (argumento “não agente”)
NEG	Negação
NMLZ	Nominalizador
OB	Objeto
PFV	Perfectivo
PL	Plural
POSS	Possibilidade
RFR	Sufixo referenciante
REP	Reportativo
SG	Singular
SJ	Sujeito
TRANS	Sufixo translativo

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Antônio; IRMÃZINHAS DE JESUS; GOUVEIA DE PAULA, Luiz. *A língua Tapirapé*. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, 1983.
- ANCHIETA, Pe. José. *Teatro*. Trad. do tupi, introd. e notas de Eduardo de Almeida Navarro. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ANCHIETA, Pe. José. *Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil*. São Paulo: Loyolla, fac-simile from the first edition, 1990 [1595].
- ANCHIETA, Pe. José. *Poemas: Lírica Portuguesa e Tupi*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ANCHIETA, Pe. José. *Poesias completas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- ANCHIETA, Pe. José. *Teatro de Anchieta*. Originais acompanhados de tradução verificada, introdução e notas pelo Pe. Armando Cardoso S. J. Vol. III. São Paulo: Loyolla, 1977 [século XVI].
- ANÔNIMO. Vocabulário na língua brasílica. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas* (Etnografia e Tupi-Guarani), v. 23/24, 1938 [1621].
- ARAÚJO, Antonio. *Catecismo na língua brasílica*. Lisbon: P. Crasbeeck, 1618.
- BESSA-FREIRE, José Ribamar. *Rio Babel: a História das Línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.
- COUCHILI, T'iwan; MAUREL, Didier; QUEIXALÓS, Francisco. Classes de lexèmes en émérillon. *Amerindia*, n.26/27, 2002.
- CRUZ, Aline da. Towards an understanding of the origin of aspectual marks on nouns: evidence from Nheengatu and Tupinambá. In: QUEIXALÓS, Francisco; GOMES, Dionei. *O Sintagma Nominal em Línguas Amazônicas*. São Paulo: Pontes, 2016.
- CRUZ, Aline da. *Fonologia e Gramática do Nheengatú: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*. Utrecht, Países Baixos: LOT, 2011. <Disponível em <http://www.lotpublications.nl/publish/issues/Cruz/index.html.html>>.

- CRUZ, Aline da. Reduplication in Nheengatú. In: GÓMEZ, Gale Goodwin; VOORT, Hein van der. *Reduplication in Indigenous Languages of South America*. Leiden: Brill, 2014.
- CRUZ, Aline da. The rise of number agreement in Nheengatu. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 10, 2015.
- CUNHA, Péricles. Análise fonêmica preliminar da língua Guajá. Brasília: UnB, Dissertação de Mestrado, 1987.
- DIETRICH, Wolf. Categorias lexicais nas línguas tupi-guarani (visão comparativa). In: QUEIXALÓS, Francisco. *Des noms et des verbes en tupi-guarani: état de la question*. München: LINCOM Europa, 2001.
- DONOHUE, Mark; WICHMANN, Soren. *The typology of semantic alignment*. New York: Oxford University Press, 2008.
- FIGUEIRA, Luís. *Arte de gramatica da lingua brasilica*. Rio de Janeiro: Lombaerts e C, 1880 [1621].
- HALE, Ken. Warlpiri and the Grammar of Non-configurational Languages. *Natural Language & Linguistic Theory I*, 1983.
- JELINEK, Eloise. Predicates and Pronominal Arguments in Straits Salish. *Language*, v. 70, n. 4, 1984.
- KINKADE, M. Dale. Salish evidence against the Universality of 'Noun' and 'Verb'. *Língua*, v. 60, n. 1, 1983.
- KLIMOV, Georgij. On the Character of Languages of Active Typology. *Linguistics* 131, 1974.
- LAUNEY, Michel. *Une grammaire omnipredicative. Essai sur la morphosyntaxe du nahuatl*. Paris: CNRS Editions, 1994.
- LAUNEY, Michel. The features of omnipredicativity in Classical Nahuatl. *Sprachtypologie und Universalienforschung*, 57, v.1, Berlin: Akademie Verlag, 2004.
- LEITE, Yonne. A Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil e as línguas indígenas brasileiras. In: BESSA-FREIRE, Ribamar; ROSA, maria Carlota. *Línguas Gerais: Política Linguística e Catequese na América do Sul no Período Colonial*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.
- LEITE, Yonne. Para uma Tipologia Ativa do Tapirapé. Os clíticos referenciais de pessoa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n.18. Estudos em Línguas Indígenas, 1990.
- LEMOES-BARBOSA, Antônio. *Curso de Tupi Antigo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.
- MAGALHÃES, Marina M^a. Silva. Os diferentes processos de causativização na língua Guajá. In: TELLES, Stela; BRUNO, Ana Carla; QUEIXALÓS, Francisco. *Incremento de valencia en las lenguas amazónicas, vol.1*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 2014.
- MAGALHÃES, Marina M^a. Silva. Hierarquia de referências na língua Guajá e nas demais línguas Tupí. *Anais da II CIDS*. Belém: UFPA, 2012.
- MAGALHÃES, Marina M^a. Silva. Os diferentes tipos de sintagmas nominais complexos com núcleo verbal estativo da língua Guajá. In: QUEIXALÓS, Francisco; GOMES, Dionei. *O Sintagma Nominal em Línguas Amazônicas*. São Paulo: Pontes, 2016.
- MAGALHÃES, Marina M^a. Silva; MATTOS, Ana Cristina. 2014. Classes de palavras, tipos de predicados e sua relação com a intransitividade cindida em Guajá. *Via Litterae*, v.6, n.2, 2014.
- MAGALHÃES, Marina M^a. Silva. Sobre a Morfologia e a Sintaxe da Língua Guajá. Brasília: Tese de Doutorado, UnB, 2007.
- MAGALHÃES, Marina Maria Silva; PRAÇA, Walkíria Neiva; CRUZ, Aline da. Gradação da Omnipredicatividade na família Tupi-Guarani. *Forma y Función*. Bogotá: submetido.

- MITHUN, Marianne. Active/Agentive Case Marking and its Motivations. *Language*, n. 67, 1991.
- MOORE, Denny; FACUNDES, Sidney; PIRES, Nádia. Nheengatu (LGA), it's history, and effects of language contact. *Proceedings of the Meeting of the Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas*, v.2, n.4, 1993.
- MOSELEY, Christopher (ed.). *Atlas of the World's Languages in Danger*. Paris: UNESCO Publishing, 2010. <Disponível em <http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>>
- NASCIMENTO, Ana Paula Lion Mamede. Estudo fonético e fonológico da língua Guajá. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2008.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos*. São Paulo: Vozes, 1998.
- PRAÇA, Walkíria Neiva. Morfossintaxe da língua Tapirapé. Brasília: Tese de doutorado, UnB, 2007.
- PRAÇA, Walkíria Neiva. A dupla oposição nome/verbo e argumento/ predicado em Tapirapé. *Linguística*, v. 4, 2008.
- PRAÇA, Walkíria Neiva. Neologismos em Tapirapé. In: GONZÁLEZ, Hebe; GUALDIERI, Beatriz. *Lenguas indígenas de América del Sur I Fonología y léxico, vol. 1*. Mendoza: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Nacional de Cuyo, 2012.
- PRAÇA, Walkíria Neiva. Aspectos da modalidade epistêmica em Tapirapé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 8, n.2, 2013.
- PRAÇA, Walkíria Neiva. Os Demonstrativos Espaciais em Tapirapé. In: BOZZI, Ana María Ospina. *Expresión de nociones espaciales en lenguas amazónicas, vol.1*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 2013.
- PRAÇA, Walkíria Neiva. Mecanismos de aumento de valência em Tapirapé. In: TELLES, Stela; BRUNO, Ana Carla; QUEIXALÓS, Francisco. *Incremento de valencia en las lenguas amazónicas, vol.1*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 2014.
- PRAÇA, Walkíria Neiva; Marina M. S. Magalhães; Aline da Cruz. Indicativo II da família Tupi Guarani: uma questão de modo? *Liames*, v. 17, n. 1, 2017.
- PRAÇA, Walkíria Neiva. Sobre o Indicativo II no tapirapé. In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'igna. *Estudo sobre Língua Indígenas, vol 1*. Belém: UFPA, 2001.
- PRAÇA, Walkíria Neiva; CRUZ, Aline da. Innovation in Nominalization in Tupi-Guarani languages. In: SHIBATANI, Matt; ZARIQUIEY, Roberto. *Nominalization in South American Languages*. Philadelphia: John Benjamins, no prelo.
- QUEIXALÓS, Francesc. Le suffixe referentiant en Émérillon. In: F. Queixalòs F. (coord.), *Des noms et des verbes en Tupi-Guarani: état de la question* (pp. 115-132). München: Lincom Europa, 2001.
- QUEIXALÓS, Francesc. The Primacy and Fate of Predicativity in Tupi-Guarani. In: VAPNASKY, Valentina; LOUIS, Ximena. *Lexical Categories and Root Classes in Amerindian Languages*. Peter Lang Publishing, 2006.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Estrutura do Tupinambá*. Notas do curso dado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Inédito, 1981.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Morfologia do verbo Tupi. *Letras*, v. 1, 1953.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Estrutura do Tupinambá. In: RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. *Língua e culturas Tupi*. Brasília & Campinas: LALI & Nimuendajú, 2010.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. As línguas gerais sul-americanas. *PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, v. 4, n. 2, 1996.

SEKI, Lucy. *Gramática do Kamaiurá - Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas & São Paulo: Unicamp & Imprensa Oficial, 2000.

SWADESH, Morris. Nootka internal syntax. *International Journal of American Linguistics*, v. 9, 1939.

Artigo recebido em 21 de novembro de 2018.

Artigo aceito em 22 de fevereiro de 2019.